

REVISTA ADVENTISTA

OUTUBRO DE 1965

Todos os Membros da Igreja no Trabalho

«Lâmpada para os meus pés é a Tua palavra...»

Plano de acção a favor da difusão das nossas publicações

ANO XXVI N.º 229

Quanto é que devemos dar?

B. J. KOHLER

Tesoureiro da Divisão Sul-Europeia

QUANDO Deus dirigia Israel, o seu povo, na antiguidade, pediu-lhe que desse para a causa, na medida em que prosperassem os seus negócios. O Senhor disse ao Seu povo, mui especificamente que não comparecesse na Sua presença com as mãos vazias. Com solenes palavras assim doutrinou:

«Cada qual, conforme ao dom da sua mão, conforme à bênção que o Senhor teu Deus te tiver dado.» (Deut. 16:17).

E lemos, então, com admiração que as ofertas requisitadas, durante a dispensação levítica subiam a mais de vinte e cinco por cento dos rendimentos do povo.

Raciocinando à maneira humana haveria de concluir-se que tais obrigações eclesiásticas reduziriam, dentro de pouco tempo, à pobreza, os doadores. Contudo, tal não aconteceu, pois a Bíblia ensina-nos, claramente, que a prosperidade de Israel variou, na proporção da fidelidade do povo para com estas determinações divinas.

Muitos Adventistas do Sétimo Dia estão hoje, conscienciosamente, seguindo, a prática de darem um segundo dízimo ou mais, como louvável prática de oferta da sua livre vontade, e estão, também, sistematicamente pondo de parte, certas somas para a oferta semanal da Escola Sabatina. Alguns outros dos nossos membros seguem o

plano de dar três por cento dos seus rendimentos para a oferta da Escola Sabatina. Tal prática está de harmonia com a sugestão apresentada pelo Departamento da Escola Sabatina e deseja encorajar todos os nossos prezados Irmãos e Irmãs a seguirem-na com entusiasmo e fidelidade.

É um facto bem conhecido que o povo de Deus está invulgarmente próspero nestes nossos dias, e que também o dinheiro está perdendo rapidamente, o seu valor. Por toda a parte a inflação está fazendo duras incursões na economia, reduzindo-se, assim, o valor da moeda.

Hoje, o dinheiro, vale menos do que há anos atrás, e o seu valor continua a diminuir.

Embora as ofertas para a nossa Escola Sabatina tenham seguido um padrão constante de aumento, nota-se, porém, que não têm estado de acordo com o aumento dos nossos ganhos. Os nossos dízimos têm aumentado pela graça de Deus, firmemente, nos últimos anos, mas este aumento evidente não tem sido seguido proporcionalmente pelas ofertas à Escola Sabatina.

Quando o Departamento da Escola Sabatina sugere, hoje, que cada um de nós dê três por cento dos ganhos a favor da grandiosa obra das missões, apresenta-nos uma excelente oportunidade para fazermos, realmente, algo de digno para Deus. O Senhor tem-nos concedido, liberalmente,

SUMÁRIO

Quanto é que devemos dar?
Página Editorial
Meditando — Pintos desgarrados
Haverá Nova Vida para os que já Morreram?
Todos os Membros da Igreja no Trabalho
«Lâmpada para os meus pés é a Tua palavra...»
As melhores férias... de trabalho
Doze lugares onde se pode fazer trabalho Missionário
Plano de acção a favor da difusão das nossas publicações
O Acampamento M. V.
Notícias do campo
Imperiosa necessidade de exame do coração
O Auxiliar da Escola Sabatina

OUTUBRO DE 1965

ANO XXVI N.º 229

DIRECTOR E EDITOR:

A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:

D. S. R. VASCO

CORPO DE REDACÇÃO:

**A. CASACA, E. FERREIRA,
J. M. MATOS, M. MIGUEL,
O. COSTA E P. RIBEIRO**

**PROPRIETARIA: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA**

Redacção e Administração:

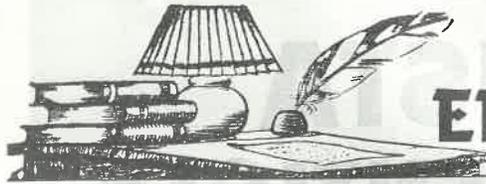
R. JOAQUIM BONIFACIO, 17 - LISBOA

Composição e Impressão:

**SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA**

Número avulso 3\$00

Assinatura anual 30\$00



Página EDITORIAL

Prezados Irmãos e Irmãs:

Com as minhas saudações cristãs aqui vos apresento, como é habitual, nesta página alguns acontecimentos que dizem respeito à Obra de Deus.

Semana de Oração

Mais um ano que o Senhor nos concede, pela Sua grande misericórdia, para assistirmos à Semana de Oração. É uma graça preciosa que nós não somos capazes de avaliar cabalmente.

É necessário, para a boa marcha da nossa vida espiritual, que tomemos parte, nas reuniões. Bem sabemos que alguns dos nossos Irmãos e Irmãs que no ano passado assistiram às reuniões, não o farão, este ano, porque baixaram à seputura. E quem nos garante a nós, a cada um de nós, que não seja também para nós a última Semana de Oração?

Não desprezemos o amoroso convite que o Senhor nos está dirigindo neste momento para assistirmos às reuniões da Semana de Oração. As bênçãos que Deus nos reserva para essa Semana só as recebemos se a formos buscar no convívio dos Irmãos reunidos na Semana de Oração.

Esforço de evangelização

Estamos chegados à época do Esforço de Evangelização. Hoje mais do que nunca, toda a Igreja tem de tomar parte neste Esforço. Há trabalho, evidentemente, para todos, pois a todos Deus destinou o que têm que fazer. Nem todos são pregadores, nem cantores, nem colportores.

Mas, assim como há lugar para todos, assim também há trabalho e, trabalho específico para cada um de nós.

Todos unidos em torno do Pastor, podem realizar uma grande obra de reavivamento, por um lado,

e ainda de atracção para os que ainda não conhecem a mensagem. «A diversidade de dons do Espírito na Igreja indica que ela deve realizar a sua tarefa por variados meios. O evangelismo consiste em tudo o que a Igreja possa fazer, tendo como resultado ganhar homens e mulheres para Cristo e estabelecê-los na fé.»

Que o próximo Esforço de Evangelização possa lançar, com a ajuda de Deus: «Toda a Igreja ao Trabalho.»

Os nossos estudantes

Iniciados já os labores escolares, os nossos jovens regressaram às aulas.

Devem esmerar-se por serem os primeiros entre os bons alunos, se não puderem ser os melhores. Por imperativo religioso têm de ser os primeiros na compostura, nas atitudes de modo que sejam um testemunho vivo da nossa bem-aventurada esperança. Mas também se devem esforçar por serem modelos no aproveitamento intelectual, como é óbvio.

Que Deus proteja os nossos estudantes.

A. Casaca

NOVO HINÁRIO para uso das igrejas em Portugal, com 620 hinos e trechos bíblicos seleccionados, próprios para o culto divino:

CANTAI AO SENHOR

edição portuguesa, sem música. É indispensável que todos os Irmãos e Irmãs possuam o hinário, pois todos temos de participar nos louvores que entoamos ao Senhor.

40\$00

PINTOS

DESGARRADOS

CRISTO ensinava no templo. Como água, derrama-se o povo pelos pátios e recintos sagrados. Que torvelinho de ideias agitava as consciências!

Ao redor do notável Galileu, fonte de todo o interesse, vê-se um distinto grupo de dignitários religiosos, com suntuosas vestes, que impressionam o vulgo e contrastam com o singelo traje d'Aquele jovem Rabi popular.

Homens encanecidos, de longas e esbranquiçadas barbas, cercados de atentos servidores; sacerdotes imponentes, pavoneando santidade, envergam ricos paramentos; impertigados príncipes, que ostentam altas insígnias; pretensiosos escribas, sobraçando rolos sagrados, donde extraem uma ou outra palavra isolada, que manejam habilmente para ferir a vítima. Homens que desfraldam a vaidade aos ventos da presunção. Todos, do mesmo *pedegree* espiritual. Almas cevadas de preconceitos rabínicos.

No meio dessa matilha canina, de olhos faiscantes, que farejam faltas e rosna ameaças, está Jesus, simples e humilde como cordeiro. Um cordeiro com autoridade e vigor leoninos. «O Leão da tribo de Judá».

Face serena e olhar imperturbável, encara Ele os adversários, que O assediam com sagaz dialéctica, para o desacreditar diante das massas. Pensam ofuscar o Sol com uma lanterna. Procuram enredar o Mestre e condená-l'O, usando como argumentos as suas tradições e as aduncas garras. Impávido, entrincheira-se Ele na Verdade, empunhando a espada do Espírito.

Boquiaberto e estático, o público assiste àquele torneio. Muitos ficam encantados com a sabedoria, o poder e a bondade do Profeta de Nazaré. Nunca tinham ouvido verdades tão convincentes e comove-

doras. Mas, amarrados por uma cadeia de regras tradicionais, não se demovem do ancoradouro das ideias de seus chefes. Não se aventuram ao mar de elevados pensamentos e concepções religiosas.

Então, erguendo a voz, o Salvador dirige-se às multidões e aos discípulos, advertindo-os contra os falsos mestres, que só almejam a exaltação própria:

— «Amam o primeiro lugar nos banquetes e as primeiras cadeiras nas sinagogas, as saudações nas praças, e o serem chamados mestres pelos homens.»

Candentes palavras! A ninguém, na Terra, deviam os seguidores do Messias atribuir título honorífico indicativo da sua autoridade e domínio sobre a fé e a consciência individuais.

— «Um só é o vosso guia, o Cristo» — acentua Ele.

Volvendo-se para os rabinos que O cercam, exclama:

— «Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque fechais o reino dos Céus diante dos homens; pois vós não entraís, nem deixais entrar os que estão entrando ... Ai de vós guias cegos! ... Coais o mosquito e engolis o camelo ... Ai de vós escribas e fariseus hipócritas! porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos, de toda a imundície.»

Terrível líbello! Postas no pelourinho a hipocrisia, a mistificação e a falsa liderança.

Frenesi entre os chefes e o povo. Semblantes lívidos de pavor e corações encharcados de ódio.

A voz de Cristo começa a ficar embargada e rolam-Lhe lágrimas pela face. Como que num suspiro, brada:

— «Jerusalém! que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! quantas vezes quis Eu reunir os teus filhos como a galinha ajunta os seus pintainhos debaixo das asas, e não o quises-te!»

Estavam agora sujeitos às consequências da sua atitude.

Senhor, nós também somos avizinhas implumes. Alheios a rapinagens, à direita e à esquerda, de cima e debaixo, sentindo uma vida que não entendemos, andamos, sal-

(Continua na página 24)



Haverá Nova Vida

para os que

Já Morreram?

J. MATOS RODRIGUES

DESDE a época em que o primeiro homem cerrou os olhos num sono destituído de sonhos, que variedades de ideias têm dominado no mundo quanto ao estado em que se fica «naquele misterioso reino em que cada um ocupa a sua câmara nos silenciosos domínios da morte»! Alguns crêem que, na morte, vão para um céu universalista; alguns a um paraíso protestante; outros a um purgatório católico; e outros ainda à transformação numa vaca, ou talvez num elefante hindu. Tem sido o constante desígnio de Satanás, desde a sua primeira mentira no Eden: «Certamente não morrereis», vendando os olhos do povo, fazendo-os pensar que hão-de estar mais vivos depois da morte, do que antes; ou que «não há morte — o que parece ser morte, é apenas transição». As provas, porém, são sempre «nebulosas»; pois ninguém, pelo menos em nossa época, já voltou, de maneira corpórea para assentar a debatida questão.

Se tomarmos, porém a Bíblia como nosso campo de indagação, encontraremos um testemunho muito coerente, o qual não deixa o sincero indagador da verdade em sombra de dúvida. Começemos com a declaração de S. Paulo em Hebreus 9:27: «Aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo». Que há ali uma elipse, vê-se claramente pela afirmação da sua segunda carta a Timóteo, de julgar os vivos e os mortos, na Sua vinda e no Seu reino», deixando assim uma lacuna, um espaço entre a morte e o juízo; pois o último versículo mostra que o juízo ocorre em ligação com a segunda vinda de nosso Senhor, o dia ou a hora do qual «ninguém

sabe, nem os anjos do Céu». Esse espaço de tempo representa uma prisão que jamais seria descerrada, não fora Aquele que, por Sua própria morte e ressurreição da sepultura, Se proclama: «O que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amém; e tenho as chaves da morte e do inferno (sepultura)». Apocalipse 1:18. Representa um silêncio tão profundo que nenhum poder, a não ser o do Onnipotente Criador, consegue jamais quebrar. Representa as águas escuras do Estige mitológico; mas há um Barqueiro, um só, que pode conduzir um passageiro para a margem dos campos verdes do Eden, o Piloto da Galileia. Ao passo que o grande enganador faz parecer que existe mais luz depois da morte do que antes, o grande e amável Pastor sabe que para a alma que recusa o Seu mistério e guia, a morte é, afinal, o adormecer num «perpétuo sono» (Jeremias 51:39); e «escuridão» mesmo (Jeremias 13:16) sim, é a própria «negrura das trevas» (S. Judas 13).

Quão apropriada é a imagem do «sono» tantas vezes empregada na Escritura para representar a morte! Num profundo sono não há medida do tempo que passa; não há conhecimento de coisa alguma do que vai acontecendo. Conta-se de um gatuno que roubou uma bolsa de sob o travesseiro de um homem enquanto ele dormia. S. Paulo podia dizer que desejava «partir e estar com Cristo» (Filipenses 1.23), porque sabia que o espaço de tempo decorrido desde o momento em que seu cérebro deixasse de pensar, até àquele em o Doador da vida, em Sua gloriosa vinda, o chamasse do abraço da morte, pareceria um instante, ainda que longos séculos esti-

vessem de permeio. Isso se torna claro na sua segunda epístola a Timóteo, onde diz: «O tempo de minha partida está próximo... Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a Sua vinda». E repetidamente ele usa na sua epístola a imagem do sono para representar a morte, em expressões como: «Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem... Assim também aos que em Jesus dormem Deus os tornará a trazer com Ele.» I Tessalonicenses 5:10. «Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos seremos transformados.» I Coríntios 15:51.

Sobejos Testemunhos

No mesmo diapasão falam tanto os patriarcas, como os profetas do Velho Testamento acerca da condição do homem na morte, isto é, como um estado de completo esquecimento e absoluta quietação. Disse David: «Na morte não há lembrança de Ti; no sepulcro quem Te louvará?» Salmo 6:5. «Não confieis em príncipes, nem em filhos de homens, em quem não há salvação. Sai-lhes o espírito, e eles tornam-se à sua terra: naquele mesmo dia perecem os seus pensamentos.» Salmo 146:3 e 4. «Mostrarás Tuas maravilhas aos mortos, ou os mortos se levantarão e Te louvarão? Saber-se-ão as Tuas maravilhas nas trevas, e Tua justiça na terra do esquecimento?» Salmo 88:12. Salomão, o homem mais sábio do seu século, falou eloquentemente sobre a dissolução que cabe inevitavelmente em sorte à humanidade,

descrevendo-a em imagens como: «Porque o homem se vai à sua eterna casa... e se quebre a cadeia de prata, e se despedace o cântaro junto à fonte, e se despedace a roda junto ao pó». Eclesiastes 12:5 e 6. «Os vivos sabem que hão-de morrer, mas os mortos não sabem coisa alguma.» Eclesiastes 9:5. E Job acrescenta ao assunto alguns traços poéticos: «O homem, nascido de mulher, é de bem poucos dias, e cheio de inquietação. Sai como a flor, e se seca; foge também como a sombra, e não permanece.... Há esperança para a árvore, que se for cortada, ainda se renovará, e não cessarão os seus renovos.... mas morto o homem, e consumido; sim, rendendo o homem o espírito, então, onde está?

«Como as águas se retiram do mar, e o rio se esgota, e fica seco, assim o homem se deita e não se levanta; até que não haja mais céus não acordará nem se erguerá do seu sono.» Job 14:1, 2, 7 e 10-12.

Ouvimos S. Paulo, David, Salomão e Job, e quão perfeitamente unísono é o seu testemunho! Muitos dos modernos poetas, ao tocarem neste assunto da morte, têm entremeadado mais ou menos essa nebulosa teoria de «vais para o Céu quando morreres».

Uma das principais objecções à ideia de que o bom vai imediatamente para o país da glória, após a morte, para morar com os anjos, é que ela torna a bela verdade da ressurreição inútil e vazia. Pois se os santos, por ocasião da morte entram num estado de perfeição, passaram muito além do ponto em que a ressurreição se pudesse tornar um factor na sua experiência. Seria absolutamente incompatível com a razão, a utilidade ou a revelação, pensar naqueles que começaram a gozar as glórias do paraíso de Deus, sendo obrigados a dar um passo atrás ao sepulcro, a fim de cumprir aquela parte do grande drama da salvação a que Jesus Se refere, quando diz: «Não vos maravilheis disto; porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a Sua voz. E... sairão para a ressurreição da vida». S. João 5:28 e 29.

O facto é que a principal pedra de tropeço para que se obtenha uma correcta compreensão do es-

tado do homem na morte, vem do mal-entendido quanto aquilo em que consiste a vida de um homem; isto é, como ele foi constituído originalmente por seu Criador. Moisés dá-nos a primeira declaração acerca desse misterioso assunto: «E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente». Génesis 2:7.

Obedecei e Vivei

Uma pequena consideração ao contexto deste versculo, mostra que a immortalidade do homem não é de maneira alguma inerente e absoluta, mas contingente, dependendo de seu acesso à árvore da vida. Pela desobediência ele cortou sua ligação com essa árvore, e a duração da vida ficou limitada, nunca tendo excedido a mil anos. O coração de Metusalém bateu 969 anos; quando parou, porém, havia acabado a sua relação com a vida, inclusive as suas actividades, e não mais terá parte com ela até ao tempo em que a voz do Filho de Deus lhe inspirar nos narizes outra vez o fôlego da vida, pondo novamente em função as rodas do mecanismo humano.

Igualmente a vida eterna só pode ser alcançada pelos que se conformam com o plano de Deus a respeito do homem. Só terão «direito à árvore da vida» através da eternidade, aqueles que guardam os Seus mandamentos». (Apocalipse 22:14.) O jovem que se dirigiu a Cristo, perguntou: «Que bem farei, para conseguir a vida eterna? E Ele lhe disse: Se queres... entrar na vida, guarda os mandamentos». S. Mateus 19:16 e 17.

Se um homem reúne as várias partes de uma máquina, e depois nelas introduz o vapor que lhe imprime o movimento, qual é a parte mais importante dessa máquina — o mecanismo, ou o vapor? É difícil dizer. Uma coisa, porém, é certa: As partes reunidas necessitam do vapor ou, caso contrário, são um mecanismo morto. E o vapor necessita dele.

Imaginai que um homem arranje um engenho de serrar, mediante uma roda movida a água, polias e serras, sobre os quais constrói um tecto. O homem muda-se; o engenho ou serraria estraga-se; cai o

tecto; as polias bambeiam; mas a fonte da energia continua a correr sobre as ruínas. Pelo facto de isso subsistir, não haveis de dizer que a serraria existia ainda. Assim morre o homem. O complexo e intrincado mecanismo do seu corpo, deteriorou-se; as rodas dentadas da operação de seu pensamento pararam; a bateria de células do seu cérebro corroeou-se, ele se desfez e, como diz Job: «Onde está?» Que melhor resposta se pode dar a isso, do que a que nos oferece Salomão: «O pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu»? O solene *fiat* do Todo-poderoso Deus, o Criador do universo, é: «És pó, e em pó te tornarás». Génesis 3:19. «Que é a vossa vida? É um vapor que aparece por um pouco, e depois se desvanece.» S. Tiago 4:14.

Para alguns, a ideia de o homem ser mortal é coisa repugnante, porque sentem que isso os coloca na mesma classe dos animais do campo. Nada poderia afastar-se mais do ensino da Escritura, pois há sobejas provas no Sagrado Livro de que, conquanto o homem esteja, por natureza, sujeito à morte, foi providenciada, mediante o sacrifício de Cristo, uma perfeita libertação da morte e da sepultura. E não pode ser por demais acentuado nem demasiadamente repetido que unicamente por meio d'Ele pode o homem escapar das cadeias da mortalidade. Pretender que o homem possua a immortalidade como atributo inerente, é negar a necessidade e a suficiência de Cristo.

O Pai deu ao Filho o poder de «ter a vida em Si mesmo» (S. João 5:26), e enviou-O ao mundo para que «todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna». S. João 3:16. Que a fé no Filho é a principal condição para receber este maravilhoso dom da vida, declara-se ainda no versículo 36, nas palavras: «Aquele que crê no Filho, tem a vida eterna; mas aquele que não crê no Filho não verá a vida.»

Para todas as multidões de falsas crenças, credos e religiões, é coisa comum um ataque subtil ao ministério de Jesus Cristo em favor da humanidade; especialmente esse de pretender que o homem seja por natureza imortal. O inimigo da raça

(Continua na página 10)

Todos os Membros da Igreja no Trabalho

GEORGE S. STEVENS

Pastor da Associação Arkansas — Louisiana.

JESUS em pessoa foi enviado à Terra como instrumento do evangelho, pois Ele é o «apóstolo e sumo sacerdote da nossa confissão.» Heb. 3:1. Como uma organização de Seus coobreiros, «a igreja é o intrumento apontado por Deus para a salvação dos homens.» — *Actos dos Apóstolos*, pág. 9. Infe-re-se daí que os membros não estão individualmente na igreja simplesmente para o seu próprio conforto e satisfação, mas como uma unidade responsável no conjunto que está operando constantemente para cumprir o propósito de levar redenção aos homens.

O trabalho da igreja não é só o dos ministros e de uns poucos membros leigos na posição de líderes, pois «todo o verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como missionário.» — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 138.

A Igreja como um Navio de Guerra

A igreja, mais que um transporte de tropas, é um navio de guerra, e deve por isso mesmo ser organizada para acção. Como cada homem tem a sua posição num navio de guerra, assim é com os cristãos. A cada um é designado um posto de dever, não para os seus próprios interesses egoístas, estreitos, mas para que a influência de cada um possa ser o fortalecimento de todos. — *Testimonies*, Vol. 7, pág. 296.

Se um cristão é inactivo, a culpa não é inteiramente sua, pois é tarefa do ministro cuidar que cada membro seja colocado numa posição, e que nessa posição ele saiba como trabalhar. Muitas de nossas congregações são como um navio de guerra cujo comandante estivesse regularmente montando os seus homens para que lutem com vigor e coragem, mas aos quais não se entregou

nenhuma tarefa específica. Que confusão e ineficiência não reinaria nesse navio! Nessas circunstâncias, só por milagre uma batalha poderia ser ganha. Além do trabalho de manter a organização marchando harmónicamente, é missão do pastor descobrir novos métodos de ataque ao «inimigo», novas estratégias de guerra, procurar levar depressa ao fim cada conflito e recolher e conservar os «despojos».

O sucesso do chamado evangelístico do ministro depende em grande parte de sua habilidade em distribuir responsabilidades entre os membros de sua igreja. Para ele e para a sua igreja deve ser considerado uma vantagem e não uma falta, ter «tantos chefes e tão poucos índios». Directa ou indirectamente, pertence ao pastor ver que cada membro tenha determinada obra para fazer, e que realmente faça essa obra.

Progresso Burocrático

Uma medida de progresso da igreja é a expansão burocrática, a qual se deve processar sempre em sentido positivo, aumentando o dever, a dignidade e a eficiência de cada posição. Para ilustrar isto negativamente: Pode ser expansão burocrática o ancião abrir a igreja, o secretário enviar ao pastor uma cópia das actas da comissão, ou o tesoureiro fazer uma duplicata de títulos de dízimos e ofertas; mas tal progresso pode significar apenas uma expansão para fora, ou mesmo para baixo, em vez de *crescimento*.

Estaria bem, creio, que os deveres de cada função se inclinassem no sentido de crescimento, desenvolvimento, ampliamiento da experiência, pois todo o trabalho da igreja deve tender para o progresso em sentido

vertical nos negócios do ministério da igreja, isto é, o de salvar almas para o reino de Deus.

Os anciãos estão habilitados a executar muitos dos deveres espirituais agora a cargo do ministro; os diáconos podem muito bem e de maneira plenamente satisfatória realizar visitas missionárias agora a cargo dos anciãos; e obreiros voluntários de menor idade ou capacidade podem fazer muito das tarefas mais simples agora desempenhadas pelos diáconos.

Tal crescimento ascensional de responsabilidade, que na realidade não é mais do que um movimento da realidade comum na direcção do Novo Testamento, em medida apreciável libertaria o pastor para o exercício da sua principal missão — a ministração às necessidades espirituais dos que não são membros da igreja. Em acréscimo, este plano proveria mais postos de dever nos quais os mais novos na fé, os membros mais jovens e destreinados desempenhariam na igreja as tarefas mais simples conquanto não menos vitais.

Os Benefícios Esperados

Embora os reais benefícios deste plano sejam incalculáveis, podemos ter em vista alguns dos mais dignos de nota:

1. Multiplicar-se-iam as oportunidades para a obra de salvar almas, especialmente para o pastor e os líderes leigos da igreja, e em última análise para todos os membros.

2. Os serviços da igreja correriam de harmonia e eficientemente.

3. Haveria aumento de entusiasmo entre todos os membros da igreja por todas as actividades da igreja.

4. Os problemas da igreja, como as querelas, os diz-que-diz-que, as ciumeiras e violações de mandamentos seriam substituídos por palavras e actos de amor.

5. Um crescente sentimento de dignidade e importância possuiria cada membro.

6. As normas gerais da igreja na comunidade seriam realçadas.

7. Ajudaria a manter fechadas as «portas do fundo» da igreja contra a apostasia.

«Lâmpada para os meus pés é a Tua palavra...»

A. CASACA

JÁ vão longe os tempos voltairianos em que era de bom tom troçar da Bíblia. Consideravam-se os escritos sagrados como «lendas piedosas». E os argumentos jorravam às catadupas, desafiando razões que se reputavam inabaláveis, como se procedessem, solenes e pomposas, de doutores em concílio.

A crítica e a alta crítica porfiavam em relegar para o refugio das lendas primitivas, pueris e obsoletas, as páginas inspiradas da Palavra de Deus. Arregimentaram-se todos os dados das novas ciências, que então iam surgindo, desde a Arqueologia à Sociologia, através da Paleontologia, da Glótica, da Biologia, da Crítica Histórica.

Os crentes sentiam-se mal feridos com os dardos acerados que assim eram arrojados, de todos os lados, contra a Bíblia.

Grande parte, muito numerosa mesmo, dos entendidos cristãos atemorizaram-se perante a Ciência — Ciência com maiúscula.

Para não terem de defrontar a temerosa hidra da Ciência, refugiaram-se na interpretação alegórica das verdades básicas e, de todo o ponto, reais, da Sagrada Escritura. Aceitaram — para prazer, nomeadamente, com a Geologia e a Paleontologia, que os dias de Génesis, não são dias literais de 24 horas, mas sim grandes períodos de tempo, cobrindo milhões de anos, cada um. Aceitaram o transformismo, aceitaram como alegorias e metáforas o que a Bíblia apresenta como real. E entrando, também, no Novo Testamento renegaram a divindade de Jesus, considerando apenas, o nosso divino Salvador, um simples homem. Tudo isto para não se oporem a tal Ciência, a essa ciência contra a qual trovejava o Apóstolo.

Mas o Senhor nosso Deus que não nos deixa desamparados, tem suscitado, igualmente, os meios e argumentos para se refutarem as falsas, as diabólicas interpretações.

É assim que nos últimos tempos muito se tem desenvolvido a Arqueologia Bíblica, da qual bem se pode dizer que são as pedras e os restos dos monumentos antigos a apregoar as verdades da Sagrada Escritura.

Efectivamente: «A Arqueologia Bíblica transcreve-nos os factos concernentes ao dilúvio, à cidade de Jericó, a faraós, à história de Babilónia, assim como tantos outros do Antigo e do Novo Testamento; factos, que em consequência da sua obscuridade serviram, em tempos passados, para desacreditar a Palavra de Deus, mas que, obras arqueológicas, voltam com toda a força da verdade contra aqueles mesmos críticos, desmantelando os seus estremados castelos de erudição, alicerçada na areia movediça de teorias inverídicas.»

Mais uma vez os planos satânicos foram batidos. O adversário que não desarma, atacara, ultimamente com a Arqueologia.

Foi, porém, vencido com as suas próprias armas.

Novamente, agora, volta ao ataque, servindo-se, precisamente, dos últimos acontecimentos de repercussão mundial: os voos interplanetários.

Recentemente, publicaram os jornais a notícia de que um astrólogo afirmara que a Bíblia confirma as andanças dos seres extraterrestres pelo nosso planeta.

Segundo diz aquele sábio astrólogo — mais uma nova ciência, pois, a Astrobiologia — «seres extraterrenos, que viajarão em discos voadores, desembarcarão na Terra, antes de o homem tocar no solo da Lua».

Até aqui, à primeira vista, nada há de especial.

Veja-se, porém, a conclusão que o famoso astrobiólogo deduz:

«A existência de vida inteligente noutros planetas — tal como a existência de discos voadores — ex-

plica muitas lendas e certos passos bíblicos, como aquele que mostra o profeta Elias «levado para o céu num carro de fogo».

E o facundo astrobiólogo pretende explicar outros mistérios, da mesma maneira. E termina, assim, as suas declarações:

«Não aceitar estas realidades, seria contradizer a ciência e a religião.»

Como se vê, a subida ao céu do profeta Elias não passa — para o tal astrobiólogo — de um simples disco voador.

E há quem vá admitir e defender esta peregrina afirmação! ...

A pobre natureza humana é sempre levada a aceitar o extravagante, o complicado, o misterioso, rejeitando o vulgar, o simples, o natural.

Quem ler, sem preconceitos o cap. 2 do II Reis tem de concluir que o profeta Elias foi arrebatado ao céu. Diz, assim, o vol. II do citado passo: «E sucedeu que, indo eles (Elias e Elizeu) andando e falando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro: e Elias subiu ao céu num redemoinho.»

Não se trata, pois, de nenhum disco voador.

Insistindo no disco voador pretende-se levar o facto para o domínio da lenda, dizendo os seus defensores: os contemporâneos de Elias viram um disco voador; depois disso, nunca mais lhes apareceu o profeta; logo inventaram que tinha sido levado para o céu num carro de fogo, com cavalos de fogo.

Assim mesmo se disse, a propósito do lendário Rómulo, arrebatado aos céus, durante uma grande trovoadra! ...

Graças a Deus que temos a iluminar a nossa inteligência e o nosso caminho, a Palavra inspirada. É ela, efectivamente: «Lâmpada para os nossos pés e luz para os nossos caminhos.» (Salmo 119:105).

As melhores férias... de trabalho

Ao contrário do que se tem verificado nos anos anteriores no período de férias que terminou há poucos dias, registou-se a maior actividade no trabalho da colportagem, não só deste ano, mas de todos os tempos, na nossa União.

Apesar do forte calor que se fez sentir neste verão, trinta e cinco Colportores conjugaram os seus esforços durante 9 754 horas de trabalho, realizando nestes três meses 396 087\$00 de vendas. É maravilhoso ver como Deus aceita a nossa consagração e abençoa os nossos esforços.

Além dos Colportores regulares, que se esforçam ao longo do ano e durante toda a sua vida, tivemos a valiosa colaboração dos jovens estudantes. Sem desprimor para ninguém, podemos afirmar que foram eles os grandes animadores deste trabalho nestas férias. Foi esta uma boa oportunidade para eles, não só de espalhar a Mensagem contida nos nossos livros, mas também de enriquecerem a sua experiência pessoal, como afirma o Espírito de Profecia. Etou certo que cada um teria muito boas experiências para contar e que o farão no momento oportuno nas suas igrejas e também através das colunas da Revista Adventista. A todos os jovens estudantes que conosco colaboraram nestas férias, o Departamento das Publicações agradece e convida para uma nova experiência no próximo ano.

Além de números, de horas de trabalho e de vendas realizadas, desejo referir-me ao aspecto mais interessante e mais atraente do nosso trabalho: a obra evangelizadora! Cada Colportor é um ganhador de almas. Nem sempre, é certo, vê o fruto do seu trabalho, mas o Colportor «semeia e rega» confiando em Deus que dá o crescimento, «porque nós somos cooperadores de Deus».

É neste espírito de «semear e regar» que o nosso irmão Curado

está a fazer um belo trabalho junto de alguma famílias reformistas, que encontrou durante o seu trabalho, em circunstâncias verdadeiramente providenciais. Desiludidos com os seus mentores espirituais, estão estudando a nossa Mensagem nas Sagradas Escrituras e nos livros do Espírito de Profecia, que já adquiriram. Todos os Sábados o nosso irmão Curado com sua esposa se desloca àquela localidade do distrito de Santarém, para com eles estudar a Escola Sabatina. Certo Sábado, este irmão, propositada-

mente, não os foi visitar. Dias depois teve em sua casa a visita duma daquelas pessoas interessadas pedindo-lhe que não os abandonasse e que continuasse a ir regularmente como até então. Assim está acontecendo e esperamos que essas almas muito em breve se rendam definitivamente aos pés de Cristo.

É nosso privilégio orar por este trabalho. A oração é um poder de que necessitamos. Solicitamos as orações de toda a Igreja em favor destas almas que estão estudando a nossa Mensagem, do nosso irmão que está trabalhando com elas, de todos os Colportores, e, finalmente, em favor de todas as almas que compram os nossos livros, para que o espírito de Deus lhes abra o entendimento e se convertam a Jesus.

Vosso no Mestre
J. Dias

Dormindo no Senhor

«Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor, para que descansem dos seus trabalhos e suas obras os sigam.» Apoc. 14:12.

A Igreja de Lisboa, regista nas páginas da «Revista Adventista» o descanso de alguns de seus membros desde Setembro de 1964 a Setembro de 1965.

Deolinda da Piedade Ribeiro — 25/9/1964
Natália da Conceição Drummond — 25/10/1964
Lucinda da Conceição — 21/11/1964
Maria Rosa Oliveira — 28/12/1964
Maria da Conceição Fernandes — 31/12/1964
José António de Sousa — 1/1/1965
Maria Augusta Monteiro Vicente — 18/1/1965
José Benito Domingos Alvarez — 28/1/1965
Carmen Bernardo Rios — 4/2/1965
Maria Luísa — 22/2/1965
Otília Santos Teixeira — 23/5/1965
Margarida da Silva Pereira — 25/5/1965
Palmira Piedade Santos — 27/6/1965
Isilda Maria Salgueiro Costa Coelho — 2/9/1965
Alexandre José de Sousa Gomes — 20/9/1965
Maria Augusta Cardoso Nunes — 27/9/1965
Sebastião Maria — 5/10/1965

Nos respectivos momentos de tristeza e separação a Igreja acompanhou as Famílias enlutadas e a todos desejou o conforto de Deus, rogando-Lhe a Sua protecção para que possam ser fiéis e assim tenham a dita de reverem na manhã da ressurreição, os seus entes queridos.

RELATÓRIO DE VENDAS DE JANEIRO A SETEMBRO DE 1965

Colportores	Horas	LIVROS		REVISTAS		Total
		N.º	Valor	Avulso	Assinaturas	
ACREDITADOS						
Arlindo Bastos	1 314	1 641	47 380\$00	214\$00	12 730\$00	60 324\$00
M. M. Almeida	1 079	797	40 755\$00	186\$00	5 400\$00	46 341\$00
Isaías da Silva	1 341	359	11 446\$00	971\$00	16 806\$00	29 223\$00
A. de Jesus	1 130	299	14 615\$00	683\$00	12 540\$00	27 838\$00
A. Curado	1 170	458	14 915\$00	765\$00	7 825\$00	23 505\$00
Isabel R. Silva	385	113	3 586\$00	84\$00	4 500\$00	8 170\$00
<i>Total</i>	6 419	3 667	132 697\$00	2 903\$00	59 801\$00	195 401\$00
AUTORIZADOS						
Manuel Custódio	1 189	1 288	50 505\$00	192\$00	2 460\$00	53 157\$00
João Borges	1 148	1 074	47 545\$00	546\$00	4 740\$00	52 831\$00
M. A. Esteves	1 091	749	36 180\$00	632\$00	13 506\$00	50 318\$00
Manuel Mestre	1 270	440	22 925\$00	2 122\$00	8 490\$00	12 800\$00
A. Ribeiro	653	194	10 640\$00	—	2 160\$00	33 537\$00
Luisa Trindade	904	555	22 195\$00	36\$00	3 780\$00	26 011\$00
J. Lopes	836	221	10 365\$00	708\$00	6 210\$00	17 283\$00
<i>Total</i>	7 092	4 521	200 355\$00	4 236\$00	41 346\$00	245 937\$00
ESTAGIÁRIOS						
José Luís Calado	491	241	12 220\$00	186\$00	300\$00	12 706\$00
Rosa Marques	616	102	4 700\$00	753\$00	6 690\$00	12 143\$00
A. Baptista	440	279	8 790\$00	216\$00	540\$00	9 546\$00
Fernanda Marques	182	148	8 250\$00	60\$00	—	8 310\$00
A. Cabrita	231	115	5 685\$00	120\$00	1 410\$00	7 215\$00
J. Ribeiro	489	87	4 640\$00	6\$00	1 200\$00	5 846\$00
Luz Maria	285	116	2 660\$00	42\$00	1 200\$00	3 902\$00
<i>Total</i>	2 734	1 088	46 945\$00	1 383\$00	11 340\$00	59 668\$00
ESTUDANTES						
J. Casquinha	408	736	57 989\$00	28\$00	1 440\$00	59 457\$00
Natividade Lopes	722	615	33 330\$00	96\$00	6 360\$00	39 786\$00
Arnaldo Martins	381	285	16 840\$00	—	6 840\$00	23 680\$00
A. Tomás	612	365	9 545\$00	195\$00	13 890\$00	23 630\$00
Tito Falcão	255	296	16 865\$00	138\$00	2 340\$00	19 343\$00
E. Quintino	374	312	18 135\$00	198\$00	840\$00	19 173\$00
Daniel Silva	357	216	12 107\$00	60\$00	1 980\$00	14 147\$00
Carlos Diogo	381	162	8 330\$00	112\$00	1 740\$00	10 182\$00
Rafael Silva	188	144	7 070\$00	6\$00	300\$00	7 376\$00
Rosa M. Esteves	45	1	60\$00	5 179\$00	480\$00	5 719\$00
Cesaltina Matos	109	30	875\$00	—	4 410\$00	5 285\$00
Daniel Martins	148	93	5 015\$00	—	60\$00	5 075\$00
Álvaro Santinho	203	228	4 640\$00	72\$00	60\$00	4 772\$00
Lina Valador	124	11	340\$00	—	3 120\$00	3 460\$00
Caetano da Silva	17	41	1 940\$00	—	—	1 940\$00
Arlindo Passos	157	31	1 710\$00	—	—	1 710\$00
Artur Simões	86	—	—	394\$00	1 260\$00	1 654\$00
A. Santiago	11	11	675\$00	—	—	675\$00
A. Catarino	9	8	470\$00	6\$00	60\$00	536\$00
C. Cordas	5	8	280\$00	—	—	280\$00
<i>Total</i>	4 592	3 593	196 216\$00	6 484\$00	45 180\$00	247 880\$00
COLPORTORES OCASIONAIS						
M. L. Gama	437	85	3 605\$00	328\$00	7 650\$00	11 583\$00
Afonso António	808	243	9 466\$00	12\$00	—	9 468\$00
Luis Madureira	376	90	4 175\$00	24\$00	3 200\$00	7 399\$00
Tarcília Almeida	214	44	1 387\$50	120\$00	5 010\$00	6 517\$50
A. Miquelino	44	37	2 006\$50	—	—	2 006\$50
Michaela Silva	27	35	1 560\$00	—	120\$00	1 680\$00
Lucinda Cardador	99	—	—	1 632\$50	—	1 632\$50
João Beato	4	23	740\$00	—	240\$00	980\$00
Isabel Carvalho	37	14	680\$00	—	—	680\$00
Olga Melo	38	—	—	24\$00	630\$00	654\$00
João António	54	81	590\$00	—	—	590\$00
Diversos	258	91	3 662\$00	1 571\$00	5 550\$00	10 783\$00
<i>Total</i>	2 547	801	29 352\$00	3 717\$50	25 700\$00	58 769\$00
TOTAL GERAL	23 254	13 635	605 565\$00	18 723\$50	183 367\$00	807 655\$50

J. Dias

Doze lugares onde se pode

fazer trabalho Missionário

OUVIMOS por vezes dizer a membros de igreja que gostariam de fazer trabalho missionário, se soubessem onde começar. O Novo Testamento apresenta para esse efeito pelo menos doze sugestões tiradas da vida cotidiana.

1. *Em casa* — «Torna para tua casa e conta quão grandes coisas te fez Deus». Lucas 8:39.

2. *No hotel ou na pensão* — Tendo chegado a Roma, Paulo pregou o reino de Deus, e deu testemunho e «muitos foram ter com ele à pousada». Actos 28:23.

3. *Entre os muros da prisão* — Na prisão «Paulo e Silas oravam e cantavam hinos a Deus, e os outros presos os escutavam». Actos 16:25.

4. *À cabeceira dos doentes* — «E aconteceu estar de cama enfermo de febres e disenteria o pai de Públio, que foi ver, e, havendo orado, pôs as mãos sobre ele e o curou». Actos 28:8.

5. *Nos parques e junto das fontes públicas* — Em Samaria, «junto da herdade que Jacob tinha dado a seu filho José», encontrava-se o «poço de Jacob». Foi neste lugar que Jesus demonstrou a importância e a repercussão de um sermão a um único ouvinte. João 4:5-7.

6. *No barco* — Paulo dá testemunho do poder e da presença de Deus; exorta os passageiros e a equipagem tomados de pânico a cobrar coragem, porque a sua salvação lhes é assegurada. Actos 27:21-26.

7. *Em viagem* — «Um etíope, eunuco, mordomo-mór de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todos os seus tesouros, e tinha ido a Jerusalém para adoração, regressava e, assentado no seu carro, lia o profeta Isaías. E disse o Espírito a Filipe: Chega-te e ajunta-te a esse carro... e Filipe... lhe anunciou Jesus... e o baptizou». Actos 8:2-38.

8. *No caminho* — «Iam dois deles (discípulos) para uma aldeia, que distava de Jerusalém sessenta estádios, cujo nome era Emaús, e iam falando entre si de tudo aquilo que tinha sucedido. E aconteceu que, indo eles falando entre si, e fazendo perguntas um ao outro, o mesmo Jesus Se aproximou, e ia com eles... E... explicava-lhes o que d'Ele se achava em todas as Escrituras». Lucas 24:13, 5, 27.

9. *Nos lugares públicos* — De passagem em Atenas, Paulo aproveitou a ocasião para denunciar o culto dos ídolos, e pregar Cristo na sinagoga e na praça pública. Actos 17:17.

10. *No escritório* — «E, passando, (Jesus), viu Levi, filho de Alfeu, sentado na alfândega, e disse-lhe: Segue-me. E, levantando-se, O seguiu». Marcos 2:14.

11. *Em reuniões sociais* — «Fizeram-se umas bodas em Caná da

Galileia..., e foi também convidado Jesus e os Seus discipulos para as bodas». Foi ali que Jesus começou os Seus milagres, «e manifestou a Sua glória». João 2:1, 2. 11.

12. *Por toda a parte* — «Os que andavam dispersos iam por toda a parte, anunciando a Palavra». Actos 8:4.

Por estes diferentes exemplos, a Escritura ensina claramente que o cristão deve revelar aos homens o Evangelho da salvação. Tudo o que empreendemos na vida deve ser um meio de o realizar.

Um dia, um grupo de estudantes de teologia fez a D. L. Moody a seguinte pergunta: «De que maneira começaremos o trabalho pessoal»? Ao que o grande evangelista respondeu: «Ide para ele.» O lugar onde começar, é o lugar onde se abrir a primeira porta. Fazei o que está perto de vós, e encontrareis em seguida outras possibilidades. «Vamos ao nosso trabalho» e «perseveremos nele». «Insisti em toda a ocasião favorável ou não», «estando sempre preparados para responder a qualquer que pedir a razão da esperança que há em vós».

(Boletim Adventista)

Haverá Nova Vida para os que já Morreram?

(Continuação da pág. 5)

humana começou desde os nossos primeiros pais a insinuar a ideia de que o homem não pode morrer. Ele ri das palavras do Criador, ditas a Adão e Eva, de que o resultado da transgressão seria a morte. (Gênesis 3:3.) A serpente insinuou que Deus estava procurando privar o homem de qualquer coisa boa, e assegurou que o comer o fruto proibido só havia de levar ao aperfeiçoamento.

Mas a Palavra de Deus não pode falhar, e a morte seguiu-se à transgressão. Que coisa mais natural do que o arqui-enganador acompanhar uma mentira de outra, e pretender que a morte *não seja morte*, mas sim, ao contrário, uma vida mais ampla — a libertação das

restrições sentidas na carne, uma existência de mais plenos privilégios e oportunidades!

Para que o pecado e os pecadores não ficassem imortalizados, «querubins» e «uma espada inflamada» (Gênesis 3:24) impediram o primeiro par de chegar à árvore da vida. Em lugar de não haver morte, a ligação com a vida foi cortada por meio do pecado e, se não fosse o «dom de Deus», «por Cristo Jesus», todos os homens jazeriam na morte para nunca mais ressurgir.

A morte é chamada um inimigo — não um amigo. Será o último a ser destruído (I Coríntios 15:26), quando todos os inimigos forem postos debaixo dos pés de Jesus.

Plano de acção a favor da difusão

das nossas publicações

E. NAENNY

Secretário das publicações da Divisão Sul-Europeia

«A seara é realmente grande, mas poucos são os ceifeiros. Rogai pois ao Senhor da seara que mande ceifeiros para a sua seara.» Mat. 9:37,38.

Quando pensamos nos grandes aglomerados, como Paris, Milão, Viena, Zurique, Lisboa, etc., e nas inumeráveis vilas e aldeias dos nossos países, impõe-se esta pergunta no nosso espírito: «Como poderemos levar a última mensagem que Deus tem para a humanidade, a todas as almas que vivem nesses lugares?»

É certo que Deus põe à nossa disposição métodos modernos, como a rádio e a televisão, para avançar a sua causa, e que os pregadores atingem um número considerável de pessoas, mas mesmo assim nós sabemos que a nossa acção é muitíssimo restrita! Está provado que o meio mais eficaz perante tal problema, é o trabalho de porta a porta com as nossas publicações. No entanto, com muita tristeza, constatamos que os nossos colportores-evangelistas são tão poucos, que em alguns países não chegam a apresentar os nossos livros e revistas a 20% da população.

Que poderemos fazer perante tal situação, senão mobilizar todas as forças vivas da Igreja e juntá-las aos colportores? Foi neste espírito que a Conferência Geral, consciente deste problema, elaborou há alguns anos um plano de acção que estamos ansiosos de o aplicar duma maneira mais sistemática em todos os países da nossa Divisão, onde for possível, e que em nada vai suplantiar o trabalho

benéfico das nossas sociedades missionárias, que têm um lugar bem determinado no plano de Deus. Trata-se de formar em cada igreja um grupo de colportores auxiliares composto por membros, que tendo algum tempo livre, consagram algumas horas por dia, ou alguns dias por semana, à difusão da nossa literatura, tomando o compromisso de trabalhar um mínimo de horas por semana. Um chefe de grupo, quer dizer, um colportor-evangelista, ou alguém com capacidade, tomará a direcção da equipa. Este chefe, será nomeado pelo departamento das Publicações da Conferência, que orientará todas as actividades; é da responsabilidade do chefe cuidar do recrutamento, instruir e iniciar os colportores auxiliares, encomendar os livros à Publicadora e proceder ao respectivo pagamento. Ele receberá uma gratificação, dum fundo criado para este fim.

Se souber organizar bem a sua equipa e dirigi-la, o grupo poderá fazer um trabalho de penetração tão eficaz como o de vários colportores regulares.

Na realidade, estes colportores auxiliares devem ocupar-se essencialmente da venda avulso das nossas revistas missionárias, como: Saúde e Lar, Os Sinais dos Tempos, e dos nossos livros pequenos, de porta a porta, porque hoje os colportores-evangelistas regulares especializam-se mais na venda dos livros grandes e na aquisição de assinaturas anuais. Mas estas equipas poderiam espalhar a nossa literatura, especialmente nos lugares onde não há colportores-evangelistas. Quando pensamos que numa

capital como Paris, onde vivem à volta de 8 milhões de habitantes, incluindo os arredores, só temos ali dois colportores regulares, compreende-se facilmente que lhes é impossível visitar todos os lares, todos os escritórios e todos os comércios desta gigantesca cidade! Este problema de Paris é o mesmo em todas as grandes cidades onde temos igrejas, mas poucos colportores evangelistas, ou mesmo nenhum.

A realização deste plano favorece portanto a evangelização, pela página impressa, duma grande parte da população, que doutra maneira não poderíamos atingir, dando ao mesmo tempo a ocasião aos nossos membros da igreja de aumentarem os seus ganhos. Vimos, por exemplo, algumas irmãs que ganhavam a sua vida dificilmente como «mulheres a dias», tornaram-se excelentes colportoras auxiliares, e irmãos reformados ocuparam assim o seu tempo livre, e esta actividade tornou-se para eles um novo objectivo na sua vida.

Há nas nossas igrejas forças inutilizadas mas que não são inúteis, e que se fossem exploradas da maneira que acabamos de expôr, representariam outros tantos obreiros que o Mestre enviaria para a sua seara. Vários irmãos e irmãs já se deixaram convencer pela voz da sua consciência participando ao seu pastor ou chefe dos colportores a sua decisão positiva em face deste apelo. Esperamos que no dia especial das Publicações, e nos que se seguiram, um grande número dos nossos membros tenha seguido este belo exemplo.

O ACAMPAME



Vista parcial do Acampamento

JÁ tem lídimos foros de tradição o Acampamento dos M. V. Mais um ano, mais um Acampamento dos M. V. em que, todos à compita, se esmeraram por dar o seu entusiasmo, a sua actividade, para que o Acampamento fosse, naqueles tão fugazes dias, o lar dos jovens Adventistas que nele participaram.

Cativados pela maravilha do local — a fascinante Figueira da Foz, que já no ano anterior deslumbrara todos os campistas — também neste ano, ali se realizou o Acampamento dos M. V.

Foi dirigido, superiormente, pelo Pastor Baião, que teve como adjunto o Evangelista Eduardo Graça. Foi administrador o Pastor Pires; os delicados cargos de preceptora e preceptor foram desempenhados, respectivamente, pela Irmã D. Maria Augusta Pires, e Irmão Arnaldo Borges.

O buliçoso grupo dos Juvenis esteve a cargo do Pastor Abella, coadjuvado pelas Irmãs, D. Noémia Abella, D. Alice Borges e D. Esmeralda Ferreira.

O superintendente da Cozinha foi o Irmão Sala — incedível na elaboração e confecção das deliciosas ementas, sempre vegetarianas; teve como auxiliar as Irmãs Antónia e Francisca (de Pero Negro) e Marinho.

O Acampamento de 1965 — que já entrou nos fastos dos M. V. já está a ser recordado com a saudade de quem o viveu, atenuada, porém, com a esperança de que chegue, breve, o novo Acampamento.

O programa cumpriu-se, literal e integralmente, com o entusiasmo e enlevo de quem realiza gratíssima tarefa. Há que salientar — em abono da verdade — as reuniões bíblicas, sempre altamente apreciadas. Também merecem especial menção as reuniões sociais e de filmes.

Já o Sol, de há muito acariciava a terra, quando soava no Acampamento, a hora do despertar: — às 7,30; seguiam-se as arrumações e preparação no toucador.

Às 8,15 tinha lugar a Devoção Matinal, seguida do Pequeno Almoço.

Às 9 horas, os Serviços e Classes Progressivas.

Todos, sem excepção se dedicaram com interesse aos respectivos estudos.

Às 10 horas o Programa da Praia — momento sempre ansiosamente aguardado, em que, todos ou mergulhavam nas salsas ondas, ou se recreavam na praia em alegre convívio.

Às 13 horas, o apetecido almoço.

Todas as refeições, carinhosamente preparadas pelo Irmão Sala e ajudantes se esgotaram.

Seguia-se o tempo destinado às limpezas e ao repouso.

Às 15 o Período Bíblico.

Às 16 horas, recreio e jogos.

Às 18 horas, tempo livre.

Às 19 horas, o sempre apreciado jantar; seguiam-se as limpezas.

Diligência e entusiasmo nas arrumações



AMENTO M. V.

Às 20,30 horas, realizava-se o Culto.

Às 21 horas, tinham lugar as reuniões espirituais, culturais, sociais, etc.

O tema dominante nas reuniões do Período Bíblico foi: «O Jovem Adventista», tratado em Programa de mesa redonda.

As sessões foram dirigidas e orientadas pelo Pastor Baião, pelo Ev. E. Graça, pela Irmã D. Maria Augusta Pires, Irmão Arnaldo Borges e Pastor José Abella.



No culto de Sábado dirigido pelo Pastor Ferreira

Visitas

O Acampamento dos M. V. recebeu a agradável visita dos Irmãos Pastor Lawrence Nelson, Secretário do Departamento M. V. da Conferência Geral; H. Stöger, Secretário do Departamento M. V. da Divisão, acompanhados do Pastor David Vasco, Secretário-Tesoureiro da União.

Estes Irmãos, com apazimento geral, tomaram parte em diversas actividades, nomeadamente nos Períodos Bíblicos, apresentando mensagens encorajadoras.

É justo salientar o magnífico espírito que reinou, sempre, em todas as actividades, a par de uma grande compreensão, alegre camaradagem e exemplar disciplina.

Há que sublinhar os cuidados que todos os jovens dispensaram ao arranjo das tendas; neste capítulo — como é natural — a primazia coube às meninas.

Mas, também, os rapazes cumpriram e, alguns deles, com mérito, na maneira como ornamentaram as suas tendas.

Todas as manhãs um júri classificava as melhores tendas, achando-se, por vezes, em dificuldades para escolher a melhor.

As Classes Progressivas

Funcionaram, todos os dias, as Classes Progressivas, de manhã, e, por vezes, também da parte da tarde.

Cumpriram-se os programas, graças à boa vontade e esforços quer dos professores, como dos alunos.

Os mais novos estudando a Palavra



Investiduras

Após os exames indispensáveis, que foram efectuados com certo rigor, procedeu-se à atraente cerimónia da Investidura que compreendeu:

- 16 Amigos;
- 4 companheiros;
- 4 guias;
- 1 líder.

O Santo Dia de Sábado, 14 de Agosto

Dia maravilhoso, como nenhum outro, ficou indelêvelmente gravado na memória de todos que o passaram no Acampamento M. V. de 1965.

Numerosas visitas, procedentes de diversas igrejas do País se des-

locaram até o Acampamento para ali passarem o Santo Dia do Senhor. Foi visita e convidado de honra o prezado Irmão, Pastor E. Ferreira, acompanhado da Esposa, Irmã D. Irene Ferreira. Depois de uma bela Escola Sabatina, em que a sala era o vasto cenário da Natureza, realizou-se o culto solene que esteve a cargo do Pastor Ferreira; falou ao coração de todos acerca do amor de Deus e culminou com um vibrante apelo, correspondido, galhardamente, por toda a juventude presente.

Na parte da tarde, realizaram-se as «finais» de um Concurso Bíblico, dotado com valiosos prêmios oferecidos pelo Irmão Santiago de Sangalhos.

Todos, concorrentes e assistentes seguiram as provas com o máximo interesse.

A despedida

Mas era forçoso partir!... Tristeza?!... É natural.

Mas a compreensível tristeza é mitigada pelo grato pensamento de que já estava à vista — embora distante — um novo Acampamento.

Em todos ecoava, no subconsciente, o grande pensamento que dirige toda a Família Adventista: «Voltarei».

Sim! Voltaremos, porque toda a nossa vida cristã é norteadada pela doce esperança de que o Senhor

Jesus há-de voltar e bem sabemos, que Voltará muito em breve.

Por isso, também o derradeiro pensamento dos jovens M. M. partindo de longada para as suas terras, se fundiu com o da Volta do Senhor Jesus!... Voltarei!...



Um alegre friso juvenil no Acampamento

Quanto é que devemos dar?

(Continuação da pág. 1)

os Seus dons. Tem-nos enchido com as Suas bênçãos; cabe-nos, agora, a nós, manifestar-Lhe a nossa profunda gratidão, abrindo, generosamente, as nossas mãos a favor dos que ainda se encontram nas trevas.

Nos anos passados, muitos dos nossos fiéis membros da Escola Sabatina têm sido bastante generosos, contribuindo para o trabalho missionário, efectuado pela nossa Divisão. Como resultado deste contributo e de outras dádivas dos nossos membros, muitas preciosas almas têm sido ganhas para a Igreja de Deus.

Cumpre-nos manifestar a nossa gratidão pelo facto do nosso trabalho estar expandindo o Evangelho em muitos países e línguas. Isto significa

que temos necessidade de novos e de maiores recursos para podermos manter e continuar a alargar o nosso trabalho missionário. O fardo está aos nossos ombros e não podemos desfalecer neste momento crucial da história do mundo! Por enquanto, o dinheiro ainda é abundante e valioso, e temos oportunidade de contribuir com três por cento dos nossos lucros, sistematicamente, todas as semanas, para a Escola Sabatina, «conforme o Senhor nos tem prosperado».

Deste modo nós contribuiremos, efectivamente para a expansão do trabalho missionário, e ainda para que muito em breve a Obra possa ser terminada, e então, poderemos «estar para sempre com o Senhor».

NOTÍCIAS DO CAMPO

DA COVA DA PIEDADE

Agradável excursão

A Juventude da igreja da Cova da Piedade levou a bom termo as duas excursões que tinha planeado; uma de aproximadamente 370 km e outra de 200.

Já há um ano que semana após semana, se estava amealhando a quantia suficiente para a tão almejada excursão; esta serviu não só de recreação, mas através duma camaradagem e unidade indestrutível, louvar o nome do Senhor com hinos cantados em polifonia, e testemunhar de Sua Santa Palavra. Depois de pedida a bênção partimos no dia 29 de Agosto pelas 6,30 horas, com irmãos do Seixal, Almada e Cova da Piedade. Passamos por Caldas da Rainha (onde nos fornecemos de fruta e «cavacas») seguindo para a Nazaré onde alguns jovens tomaram um bom banho. Visitamos os mosteiros de Alcobaça, Batalha. Seguimos depois, para Tomar, Castelo do Bode e Santarém (Portas do Sol) tendo chegado a Lisboa pelas 23 horas. Em todos se notava visível alegria, pela ordem que em tudo se notou, não houve sequer uma nota discordante.

Chegou finalmente o dia 5 de Setembro e pelas 6,30 horas se iniciou a que consideramos de pequena volta.

Do mesmo modo cantando hinos de louvor, e desta vez com um programa previamente elaborado pelo muito dinâmico irmão Gustavo Lemos, suas filhas e jovem Carlos Diogo que com a jovem Lena Lemos o apresentou em todo o percurso.

No final da anterior excursão tinham sido eleitos o «Rei e a Rainha» da viagem, que por votos caiu sobre o jovem Carlos Diogo (o Rei) e a jovem Ana Paula Lemos (a Rainha).

Depois de nos abastecermos de fruta no mercado de Torres Vedras

seguimos para a Praia de Santa Cruz onde passámos a manhã; cumprimos o itinerário que marcava Sintra e Cascais, regressámos pelas 22 h. cheios de alegria porque como da primeira, também esta decorreu num ambiente de sã camaradagem. Tomaram parte alguns jovens não adventistas, que testemunharam de sua alegria por ter acompanhado connosco.

Deus ama os seus filhos e tem prazer em que se alegrem sobretudo quando o sistema de alegria O honra. Agradecemos ao Pai do Céu pela inspiração que deu aos jovens para fazerem estas duas excursões. Estão planeando já outra para o próximo ano. E daqui lançamos convite às igrejas vizinhas que queiram fazer parte da mesma, se comuniquem com o tel. 27 14 65, pois será de dois dias pelo Algarve e Alentejo, no mês de Agosto.

Que o Senhor nos guarde até lá são os os votos do irmão

Adelino Nunes Diogo

DE PORTALEGRE

Melhoramentos na Igreja de Portalegre

Conforme foi já anunciado na Revista de Março, foi inaugurada a Igreja de Portalegre, graças aos donativos recebidos, quer da doação da União, quer das ofertas dos Irmãos de Portalegre, Lisboa e doutras Igrejas, a todos, muito obrigados.

Campanha das Missões

É sempre com receio que se recebe a chegada doutra Campanha.

O mau ano agrícola, os encargos gerais de cada um, etc., eis os motivos dos sempre infundados temores. Mas quando confiamos que a obra de evangelização não é dos homens mas de Deus, tudo se desvanece e resolve favoravelmente.

Nós chamamos a esta Campanha, a campanha de estudos Bíblicos, porque nunca na nossa experiência tivemos tanta oportunidade de falar da nossa esperança e da nossa fé. Os motivos principais eram:

Se acreditávamos na União das Igrejas;

Se fazíamos parte do Concílio;

Se criamos na Virgem Maria;

O que simbolizava para nós o crucifixo;

Se criamos na Eucaristia, etc.

Deste modo muitas horas eram gastas em troca de impressões e explicações.

Concluimos disto que muitas pessoas começam a ter menos medo de falar connosco sobre assuntos de religião e parece mesmo haver um interesse por essa troca de impressões.

Um muito obrigado às Irmãs e Irmãos, especialmente da Igreja de Portalegre, que com sacrifício nos deram o melhor da sua colaboração.

Festa das Mães

Fizeram a sua festa dedicada às Mães as Igrejas de S. Julião, Ribeira de Nisa e Portalegre.

Em S. Julião foi no dia 22 de Maio, que a juventude se preparou para um programa de cânticos, recitações e diálogos, prestarem a sua homenagem às Mães. Foi feito um convite à Igreja de Portalegre, que ali se deslocou para dar a sua colaboração.

Em Portalegre, teve lugar no Domingo 30 de Maio. Os jovens quiseram numa profusão de flores, cânticos, recitações e diálogos, dizer às suas Mães que as amam e lhes desejam dedicar maior carinho.

Na Ribeira de Nisa foi na segunda-feira seguinte ou seja no dia 31 de Maio. Foi por assim dizer feita com a juventude de Portalegre, por dificuldade de ali podermos preparar um programa, por falta de tempo.

Assim terminou outra oportunidade dos filhos manifestarem às suas mães o seu reconhecimento e apreço e que o Senhor lhes conceda sempre um coração amoroso para com aquelas que tudo fizeram por eles.

Vosso em Cristo

F. Cordas

Imperiosa necessidade de exame do coração

(Continuação)

Contudo, não devemos supor que uma trave seja necessariamente alguma reacção muito violenta da nossa parte. O primeiro sintoma de ressentimento já é uma trave, como também o é a primeira sombra de um pensamento sem amor, ou a primeira sugestão de crítica sem amor. Onde houver isto, fica a nossa visão torcida, e nunca veremos o nosso irmão tal qual é — amado de Deus. Se falarmos com o nosso irmão com isto no coração, apenas conseguiremos levá-lo a adoptar a mesma atitude para conosco, porque é uma lei das relações humanas que com o juízo com que julgarmos, seremos julgados». — (Obra cit., págs. 56, 57).

Que devemos, então fazer, para não incorrerem em falta e, portanto, no desagrado do SENHOR, ao enfrentarmos a situação de um irmão faltoso?

JESUS já no-lo disse e repete:

— «Tira primeiro a trave do teu olho...» (Mat. 7:5 p. p.).

E como poderemos fazer isto?

Ouçamos, ainda, o citado autor: — «Temos de reconhecer que a nossa reacção de falta de amor é pecado. De joelhos, deveremos levá-lo ao Calvário, ver Jesus ali e obter uma visão de quanto Lhe custou aquele pecado. Aos Seus pés deveremos arrependê-nos desse pecado, e ser quebrantados de novo, e confiar no Senhor para o purificar no Seu precioso Sangue, e encher-nos do Seu amor para com aquél'outro — e Ele o fará se apelarmos para a Sua promessa. Depois, provavelmente, teremos de ir ter com o outro, em atitude de arrependimento, e contar-lhe o pecado que havia no nosso coração e o que foi que o Sangue ali efectuou, e pedir-lhe para nos perdoar também. Muitas vezes os espectadores nos dirão, e às vezes até o nosso próprio coração, que o pecado que

estamos confessando em nada se compara com a falta do outro, que ainda a não confessou. Mas é que nós fomos ao Calvário e, na verdade, estamos aprendendo a viver sob a sombra do Calvário, temos visto ali o nosso pecado e já não o podemos comparar com o de outrem». — (Id., págs. 58, 59).

É então que, seguindo assim a instrução de JESUS, e removendo a «trave» que nos prejudicava a visão, ficamos habilitados para agir, não como juiz do nosso «irmão», mas como amigo e conselheiro que visa o seu bem e deseja auxiliá-lo:

— «... e então cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão». (Mat. 7:5 ú. p.).

Na versão católica dos Monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica), lemos: — «... e assim *verás* para tirar a palha do olho do teu irmão».

Sim, nossa vista está agora desobstruída e nossa visão correcta. O trabalho será, agora, realizado com segurança e eficácia, porque será feito... *com amor*. Agora, há menos risco de atritos e reacções desagradáveis. O Espírito de JESUS está na obra, porque está no coração!

Leitor amigo, quem quer que sejas, responde-me com toda a sinceridade: Não temos constatado e sentido a ausência deste Espírito entre nós e na maneira como nos tratamos mutuamente? E não constituirá esta nossa aridez uma necessidade imperiosa que DEUS pode e quer, por certo, suprir através de Seu Santo Espírito? Porque não fazer desta nossa necessidade um motivo de oração diária?

E, Roy Hession, conclui: — «Ao darmos estes simples passos de arrependimento, *então* veremos nitidamente para poder tirar o argueiro do olho do outro, porque a trave do nosso próprio olho já foi tirada. Naquele momento Deus derramará

luz em nós, quanto à necessidade do outro, que nem ele nem nós tínhamos visto então. Pode ser que vejamos que o argueiro, que tanta impressão nos causava, praticamente não existia, mas era, apenas, um reflexo do defeito da nossa própria vista. Por outro lado, pode ser que Deus nos revele coisas escondidas debaixo da superfície, das quais o outro não tinha conhecimento. Então, conforme a sábia direcção de Deus, teremos de o aconselhar, amorosa e humildemente, a que ele as veja, e as traga à Fonte que lava o pecado, e experimente livramento. Há mais possibilidades agora de que nos deixe fazer isto — e até, se for pessoa humilde, nos ficará muito grata, porque há-de saber, agora, que não existe qualquer motivo egoísta no nosso coração, mas apenas amor e ansiedade pelo seu bem espiritual.

Quando Deus é quem nos leva a aconselhar outro, não fiquemos embaraçados e receosos. Não precisamos de argumentar nem de frisar o nosso ponto. Digamos, apenas, o que Deus nos mandou dizer e deixemos a mensagem entregue. O trabalho de fazer com que o outro veja, pertence a Deus, e não a nós. Leva tempo a fazer abaixar o orgulhoso 'EU', de cerviz endurecida. Quando, por nossa vez, somos aconselhados, não nos defendamos, nem procuremos dar explicações. Aceitemos em silêncio, agradecendo ao outro e, depois, vamos levar esse assunto a Deus, e interrogá-l'O. Se o outro tinha razão, sejamos bastante humildes para lh'ò dizer e louvamos juntos a Deus. Não há dúvida nenhuma de que precisamos imensamente uns dos outros. Em nossas vidas há pontos em que somos cegos, e que nunca veremos, a menos que estejamos prontos a permitir que o outro seja o instrumento de bênção nas mãos de Deus para nós». — (Id., p. p. 58, 59).

Sim, o pecado sob todos os aspectos, é a única coisa que está comprometendo e fazendo perigar a nossa Salvação. Importa reagir contra ele. O tempo passa e, com ele, nossa oportunidade. Há uma grande obra a realizar no coração de cada crente e candidato ao Reino de DEUS, e essa obra não está senão começada. DEUS requer que

(Continua na página 24)

Pintos desgarrados

(Continuação da pág. 3)

titantes, daqui para ali, como frágeis e inexperientes pintaínhos, atrás deste e daquele, disto e daquilo, esfomeados e sem rumo. Errantes, buscamos, algures arrimo para nossas debilidades e incertezas, roteiro para o nosso aturdimento, e só encontramos o eco dos nossos piados.

Faltando-nos o instinto e o conhecimento da Verdade, somos fáceis presas de ideias e doutrinas especulativas, arrebatados pela desilusão e pelo desespero.

Desnorteados na nossa fome mística, no nosso desalento, apelamos para toda a sorte de orientação humana. Corremos, pipilantes para superstições várias, para crenças diversas; para a Filosofia e a Ciência, para a Psiquiatria e Psicologia... Corpos frios, que não nos cobrem nem nos aquecem a alma nos gélidos e tempestuosos dias da vida; asas mortas, que não se abrem sobre nós.

Sofremos desencantos e decepções com mestres terrenos. Teorias científicas e sistemas filosóficos e políticos nascem e morrem, e, com

eles, nós e as nossas ilusões e esperanças. Miragens que se esvanecem.

Corremos para tudo e para todos, menos para Ti, Senhor nosso, fonte da vida. No entanto, solícito, ainda continuas a chamar-nos, estendendo Teus misericordiosos braços para nós:

— Vinde! Vinde ...

Reconhecemos, Mestre, que neste mundo de tanta instabilidade, Tu és o único ponto inamovível.

Eis-nos aqui, Pai, como desgarrados pintos que ouviram a Tua voz. Queremos abrigar-nos no Teu Amor, Justiça e Verdade.

Oh! refugiados em Ti, compreendemos a falácia do mundo e seus perigos; entendemos melhor a filosofia dos homens e a filosofia da vida; a ciência humana e a divina.

Senhor, sob Tuas asas estamos seguros. Temos paz de espírito, Teu afecto paternal e eterna protecção.

(Referências: Apoc. 5:5; S. Mat. 23:6; 7, 10, 13, 16, 24, 27 e 37.

Imperiosa necessidade de exame do coração

(Continuação da pág. 16)

nos preocupemos com a situação espiritual de nossas almas e vigie-mos atentamente, não tanto a conduta dos outros, mas sim a nossa própria; que nos examinemos a nós mesmos, orando, para que sejamos havidos por dignos de evitar todas estas coisas que hão-de acontecer, e de estar em pé diante do Filho do homem». (Luc. 21:36).

— «... Todos quantos desejem que seu nome seja conservado no livro da vida devem, agora, nos poucos dias de graça que restam, afligir a alma diante de Deus, em tristeza pelo pecado e em arrependimento verdadeiro. Deve haver um exame de coração, profundo e fiel. O espírito leviano e frívolo, alimentado por tantos cristãos professos, deve ser deixado». — (C. S., pág. 489).
R. M.